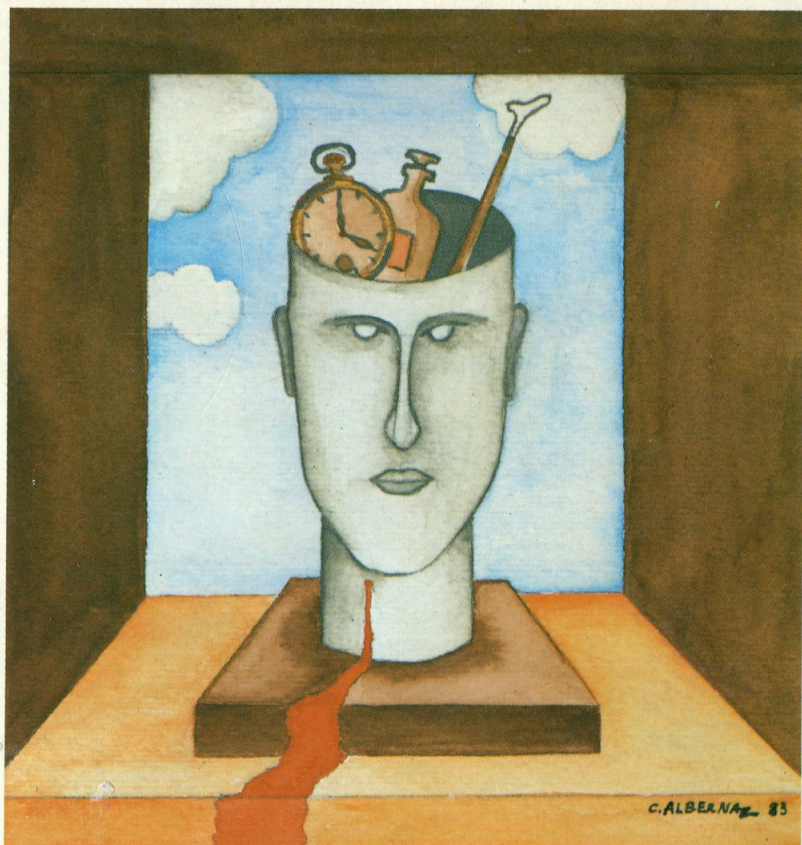
col. fantástico 3

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

LOUCURA...

edições rolim

COLECÇÃO FANTÁSTICO

1 — A INAUDITA GUERRA DA AVENIDA GAGO COUTINHO, de Mário de Carvalho

2 — CONTOS DO DIABO, de Eça de Queiroz e Fialho de Almeida

3 — LOUCURA..., de Mário de Sá-Carneiro

TÍTULO — LOUCURA
AUTOR — Mário de Sá-Carneiro
COLECÇÃO FANTÁSTICO N.º 3
DIRECÇÃO DE COLECÇÃO — António Júlio Valarinho
CAPA — João Carlos Albernaz
1.ª EDIÇÃO — 2000 exemplares
2.ª EDIÇÃO — 3000 exemplares

Apartado 3079
1302 LISBOA Codex
n.º 3 — Maio de 1984

Impressão e acabamento:
GRAFITRÈS, LDA.
Av. Melo Falcão, 30-C - Pontinha - 1675 LISBOA
Depósito Legal N.º 4352/84

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

LOUCURA...

Prefácio de

MANUELA FAZENDA MARTINS

2.ª edição

edições rolim

Lisboa

PREFÁCIO

Reler Mário de Sá-Carneiro, hoje, é renovar o percurso de um fascínio antigo; difícil, pois, falar do poeta sem recordar essa vertigem.

Adolescente ainda, descobri nas Poesias *de Sá-Carneiro o sentido da modernidade, sem avaliar então todo o impacto do movimento do* Orpheu *— apercebi-me, no entanto, pelas suas afirmações polémicas, que este movimento de vanguarda se construíra em oposição a formas de expressão, mas também de mentalidades, de estilos de vida.*

Lidas algumas novelas, percorri a correspondência com Fernando Pessoa, procurando, talvez, menos sinais da sua obra do que da «crise» do poeta; crise de um momento cultural, também, de que o suicídio de Sá-Carneiro seria o sacrifício ritualizado. A temática de autodestruição, em repetidos cenários ao longo da obra, absorvera-me; por isso lhe procurava, ingenuamente, fios explicativos nas Cartas a Fernando Pessoa. *Seguia assim a advertência de Sá-Carneiro de que «vida e arte, no artista, confundem-se, indistinguem-se». Era cedo para perceber o risco do biografismo e para compreender, com Pessoa, que «o Sá-Carneiro não teve biografia; teve só génio. O que disse foi o que viveu» (Carta a João G. Simões, 30-1-1930).*

A relação vida/obra, reflectiu-a Sá-Carneiro permanentemente, como a todo o momento as suas Cartas *nos dão conta: «Você compreende que vivo uma das minhas personagens eu próprio, minha personagem — com uma das minhas personagens»... A aventura da escrita, da «suspensão» do mundo, parece seguir em Sá-Carneiro um movimento em que vida/obra* quase *se fundem; é difícil, por vezes, adivinhar o «lugar» donde nos fala: «Sei já, positivamente sei, que só há ruínas no termo do beco, e continuo a correr para ele até que os braços se me partem de*

encontro ao muro espesso do beco sem saída. E você não imagina, meu querido Fernando, aonde me tem conduzido esta maneira de ser! Há na minha vida um bem lamentável episódio que só se explica assim. Aqueles que o conhecem, no momento que o vivi, chamaram-lhe loucura e disparate inexplicável. Mas não era, não era. É que eu, se começo a beber um copo de fel, hei-de forçosamente bebê-lo até ao fim. Porque —coisa estranha! — sofro menos esgotando-o até à última gota, do que lançando-o apenas encetado. EU SOU DAQUELES QUE VÃO ATÉ AO FIM. Esta impossibilidade de renúncia, eu acho-a bela artisticamente, hei-de mesmo tratá-la num dos meus contos, mas na vida é uma triste coisa» (Correspondência com F. Pessoa, *sublinhado do autor).*

Não creio podermos dizer, retrospectivamente, que o suicídio de Sá-Carneiro explique a obra; talvez apenas, progressivamente, que na sua obra o suicídio se explica.

*
* *

E no entanto...

Compulsivamente, obsessivamente, Mário de Sá-Carneiro emerge dos seus textos, desdobrando-se em personagens sucessivamente idênticos. Desde as novelas de Princípio *(1912) — de que* Loucura... *é a primeira — a* Céu em Fogo *(1915), que a problemática da identidade/cisão interior, da dialéctica eu/outro se vai desenrolando. Repetidamente.*

Escrita por Mário de Sá-Carneiro aos vinte anos, Loucura... *é ponto de partida desse universo fechado, denso, povoado de personagens inquietos, divididos, alucinados quase, na procura, no amor e na arte, da sua medida. Desmedidamente.*

O universo romanesco é de excesso, de exaustão dos sentidos, de transgressão do real, feericamente fantasmado. O sentido da realidade é simultaneamente o da violação dos interditos. Através da vertigem das ideias, das vivências, mas também das imagens, das palavras: «não trabalhar só com ideias, trabalhar também com o som das frases» (Correspondência com F. Pessoa*); aqui, ainda incipientemente, na* Confissão de Lúcio *com toda a amplitude.*

Universo de desajustamento o de Mário de Sá-Carneiro — ele, o dandy, a si próprio se descrevendo como a «esfinge gorda»...

Universo de clivagem e desajustamento sobretudo interior, cada vez mais irremediavelmente, como a Pessoa vai dando conta: «você não pode medir bem o descalabro irremediável da minha vida, do meu espírito e da minha carne — quando ainda assim, são estes — e os letreiros das ruas dos bairros por onde passo a primeira vez e orgulhosamente leio — os amparos únicos, os lenitivos raros à minha existência destrambulhada... Tenho chegado mesmo a suspeitar nestes últimos tempos se de facto — já estarei louco. Parece-me que não. Mas o certo é que, mais uma vez, e positivamente, se modificou alguma coisa dentro de mim. O mundo exterior não me atinge, quase — e, ao mesmo tempo, afastou-se para muito longe o meu mundo interior. Diminuiu, diminuiu muito, evidentemente, a minha psicologia. Sou inferior — é a triste verdade — de muito longe inferior ao que já fui. Saibo a um vinho precioso, desalcoolizado agora, sem remédio. Estou muito pouco interessante. E não prevejo o meu regresso a mim» (Correspondência com F. Pessoa, *de 7 de Agosto de 1915).*

Não surpreende assim Raul Vilar, o escultor de Loucura..., *personagem de excesso, da procura alucinada do «além tempo», da tentativa de recriar a eternidade em cada instante — nem que seja por «boutade», nem que seja para entreter o tempo. Por isso cada escultura será o acto mágico de manipulação, a omnipotência infantil de negação*

do real constrangedor, o gesto ritual que se inscreve numa trajectória que procura a ilusão do contínuo partindo da descontinuidade. Ultrapassar o instante, vencer o tempo. Esta a obsessão maníaca e desesperada de Raul Vilar, a sua loucura maior: «Faço vida, o tempo passa sobre as minhas estátuas, não passa sobre mim...».

Esboça-se assim em Loucura... *o personagem-tipo que se manterá ao longo das novelas de Mário de Sá-Carneiro, anunciando já esse «Fixador de instantes» de 1915: «Como seria grande aquele que lograsse REALIZAR a vida! dar forma, persistência, a todos os momentos belos, fulvos de angústia — em todo o caso grandes, sensíveis — que alguma hora existissem!... Para tal a vida criaria novas dimensões; seria altura, vertigem, ela que é só superfície...» (sublinhado do autor).*

Loucura que o narrador procura compreender na sua «singularidade psicológica», narrador esse situado nesta novela numa «normalidade» equidistante de Raul Vilar e de Marcela, «triângulo» cujos vértices, rodando sobre si próprios, se irão a pouco e pouco esbatendo, contorcendo-se até ao misterioso mimetismo de A Confissão de Lúcio *— confissão do inverosímil, mas verdadeiro...*

***

Em 1912, altura em que Princípio *é publicado (reunindo* Loucura..., O Sexto Sentido, *quatro* Diários *e* Incesto), *Mário de Sá-Carneiro foi saudado como homem de génio, embora louco, tendo-se a sensação, segundo alguns, de sair de um manicómio terminada a sua leitura. Outros, nem sequer valor artístico lhe apontaram, limitando-se a referir uma patologia que o seu suicídio, em 1916, viria corroborar.*

Ao lermos a sua obra, Mário de Sá-Carneiro surge-nos, ele próprio, como um personagem obsessivamente presente — nas suas inquietações, nas suas crises, nos seus delírios. Por vezes incómodo, mas envolvendo-nos. Inquietantemente.

Aceitemos, com Freud, que o inconsciente é menos um «lugar» que uma dinâmica que se vai tecendo em torno dos nossos desejos e fantasmas mais primitivos — teremos assim uma possível via de compreensão da ressonância deste autor. Mais do que analisar os mecanismos de criação ou a função de «reparação» narcísica da produção artística (a que Mário de Sá-Carneiro não era alheio, na sua consciência profunda da necessidade da escrita como única saída, em alturas de maior crise, e que Loucura... *nalguns momentos tematiza), importa salientar, hoje ainda, o fascínio desta obra.*

Na mesma altura em que Mário de Sá-Carneiro escreve as suas novelas, refere Freud o conhecimento do inconsciente por poetas e romancistas... Inconsciente que no leitor ecoa, razão por que a função «económica» de criação artística, de representação formal dos fantasmas mais arcaicos, igualmente permanece no acto de leitura. Leitura que é reconstrução, reconhecimento não unívoco mas «especular» de um espaço de ilusão, de prazer narcísico desdobrando-se em superfícies sem fim: uma mesma obra, leituras múltiplas. Questão a que Freud se mostrou atento, procurando compreender as raízes do prazer estético mas ressalvando, no entanto, que a obra de arte se não deixa apreender numa significação. Talvez assim se explique mais facilmente porque a obra de Mário de Sá-Carneiro nos atrai e nos escapa.

Entre a impossibilidade de nada sentir e a vertigem de sentir o nada, se inscreve a dialéctica Amor e Morte em que Loucura... *se move. Por isso este conto nos conta, por isso o lemos de um jacto, imergidos na nossa história, na história de cada um de nós.*

MANUELA FAZENDA MARTINS

LOUCURA...

I

A morte de Raul Vilar foi muito lamentada. Todos os jornais consagraram longos artigos ao grande escultor. Fazendo o seu elogio, escreveram-lhe a biografia, catalogaram-lhe as obras — entre as quais avulta esse admirável baixo-relevo «Amor» — e concordaram unanimemente em que o seu prematuro falecimento havia sido uma grave perda para a arte nacional. Depois, os anos decorreram. Hoje, poucos se lembrarão já do pobre Raul. É por isso mesmo que me decido a falar dele. Para o fazer, ninguém mais competente do que eu: fui o seu maior amigo, o seu único amigo.

Que as minhas intenções não sejam desvirtuadas: este escrito tem por fim simplesmente pôr em evidência todos os elementos que possam servir de base para o estudo duma singularíssima psicologia; que possam tornar compreensível a incompreensível tragédia de uma alma, explicar um inexplicável suicídio.

Devo ainda declarar que estas páginas visam também a desfazer as estúpidas fantasias que se propalaram sobre os motivos que teriam conduzido o jovem artista ao seu acto de desespero.

Neste assunto, obscuro em extremo, farei o possível por ser claro. Ignoro se o conseguirei e — sem mais preâmbulos — vou começar.

***

Eu e Raul, conhecemo-nos desde os bancos do Liceu. Nos primeiros tempos, foram bem frias as nossas relações; coisa alguma anunciava nelas uma grande amizade futura. Pelo contrário: eu olhava com especial embirração para o rosto branco e cor de rosa, para a cabeleira loura e anelada desse rapazinho de enormes olhos azuis, que me lembrava uma **miss** inglesa. Ele, por seu lado — conforme mais tarde me confessou — também durante alguns meses, nutrira por mim uma secreta antipatia. Incomodavam-no as minhas feições másculas, a minha cor trigueira, os meus cabelos negros e lisos; numa palavra, toda a minha figura, que era a antítese da sua. Por isso limitavamo-nos, na rua, a um seco aperto de mão e, na aula, ao empréstimo do canivete ou da borracha... Isto mesmo durou pouco tempo; um belo dia deixámos de nos apertar as mãos, de nos servirmos da borracha dum ou do canivete do outro. Fora o caso que uma tarde, à saída das aulas, Raul se pusera a sovar, sem mais nem menos, um pobre entezinho enfezado e raquítico — o melhor aluno da turma, por sinal. Eu acudira. Com dois murros obriguei o malvado a largar a sua vítima; em seguida, soquei fortemente o selvagem que se retirou cabisbaixo e resmungando.

Julgava, com este acto de justiça, ter ganho o ódio eterno do brutinho. Qual não foi o meu espanto quando, na semana seguinte, tendo eu partido a perna duma bancada, Raul se foi acusar espontaneamente para me evitar a repreensão!

Desde esse dia reataram-se as nossas relações e a nossa mútua antipatia transformou-se em uma simpatia mútua. Eu aceitei os seus olhos e os seus cabelos; ele tolerou a minha cor terrosa, e grande intimidade se foi estreitando entre nós.

Coisa notável: nunca falámos nem da minha sova, nem tão pouco do seu acto de abnegação; fizémos como se não nos tivéssemos conhecido anteriormente.

Seguindo o curso sempre juntos, uma convivência sempre quotidiana foi acompanhando, avigorando a nossa amizade.

Raul era dotado de um bizarro carácter: ora alegre, ora triste; ora falador — sem poder estar um minuto calado — ora conservando-se largo tempo silencioso, imerso em profunda meditação. Por coisas insignificantes, assaltavam-no às vezes terríveis cóleras: lembro-me de que um dia, só por não querer adoptar uma opinião sua, me atirou com um insulto obsceno, acompanhado dum pesado tinteiro de vidro que, se me acertasse, podia muito bem dar cabo de mim. Mas as suas cóleras logo abrandavam; a chorar, pedia perdão. Eu perdoava-lhe sempre...

Frequentemente tinha ideias esquisitas, duma esquisitice sinistra. Por exemplo, uma noite — depois dum dos seus costumados períodos de mutismo — exclamou de súbito:

— Gostava que morresse toda a gente... todos os animais e que só eu ficasse vivo...

— Para quê? — perguntei espantado.

— Para experimentar o medo de me ver completamente só, num mundo cheio de cadáveres. Devia ser delicioso! Que calafrio de horror!...

Estas suas excentricidades, como eu já as conhecia, faziam-me sorrir; ou antes, ouvindo-as, esforçava-me por sorrir. Com efeito, o rosto de Raul acompanhava essas divagações com uma expressão de tal modo singular, os seus olhos brilhavam com tamanho fulgor, que o meu coração se confrangia num vago pressentimento da loucura. Esforçava-me por mudar de conversa, o que nem sempre conseguia.

Foi a ele que mostrei os meus primeiros trabalhos literários. Geralmente elogiava-me, acrescentando todavia:

Gabo-te a pachorra, homem! Para que diabo te servirá isso?

— Para nada — respondia-lhe de bom humor. — É um entretimento que não faz mal a ninguém... e para mais um entretimento barato: o papel custa a vintém o caderno; a tinta e os aparos, também não são coisas de arruinar...

— Para entretimento... — murmurava ele com um sorriso desdenhoso — Ah! Tu precisas-te entreter... Para isso escreves; isto é, trabalhas. Mas, meu caro, «entreter» significa passar tempo. Ora o tempo passa acelerado em demasia; não necessita de impulsos. Os homens deviam procurar «entreter» o tempo, e não entreterem-se a si... Eu é isso que faço... Penso no passado, revivo os dias que passaram... Assim, levanto uma barreira entre o presente e o futuro. O futuro é porém um óptimo saltador... salta todas as barreiras, vai-se tornando no presente e eu pouco resultado alcanço... Escreves para não te aborreceres... Ah! como seria feliz se me conseguisse aborrecer!...

Estas e outras tiradas absurdas, incomodavam-me. No entanto, habituado a tudo quanto viesse do meu amigo, suportava-as; ouvia-as e não as discutia. Nos seus momentos de serenidade, falávamos num conversar ameno, principalmente de arte, de literatura e de teatro. As suas ideias eram então as de um ente normal, até que — de súbito — lá aparecia a nota extravagante.

Assim, uma manhã, falava-lhe eu dos mais formosos livros de amor; bordava comentários sobre a comovente Manon, sobre o assombroso Werther, sobre a romântica Dama das Camélias. Citava o Dante, Camões, Petrarca; fantasiava um episódio lírico, no qual — à luz do luar — deslisassem por diante dos olhos de dois noivos, todos os amores célebres — desde Helena e Páris, até à Safo e a João Gaussin. O meu amigo que parecia interessado, soltou repentinamente uma gargalhada estrídula clamando:

— Tudo isso são idiotices... O amor? Pf... Mas que vem a ser o amor? Uma necessidade orgânica, nada mais. Para obrar, podemo-nos servir de um vaso de loiça; para **amar** precisamos de um recipiente de carne... O Dante, o Camões zarolho... Bolas!... ...Patetinhas alambicados, imbecis versejadores... Tu, provavelmente, meu patarata, não

foges à regra geral: vais para aí, ao lusco-fusco, dizer mil banalidades a qualquer burguesinha sensual e camafeu... Resistes, a pé firme, ao vento e à chuva, hein?... Pobre de espírito! Felizardo... Irás para o reino dos céus... Ah! Ah!...

Vendo a conversação tomar um tal rumo, calei-me. Eu, nestas circunstâncias, calava-me sempre...

Na verdade, os vinte anos de Raul haviam decorrido sem uma página de romance. Nunca um sorriso de mulher viera iluminar a sua mocidade. Sem mãe, não tinha relações. Muita vez, para o distrair, tentei carregar com ele para qualquer «reunião familiar». Nunca o consegui. Dizia-me:

— Meu caro, todos nós temos um ideal. O meu, não te digo qual é. Se o confessasse, deixaria de ser ideal... Todavia, afianço-te que nele não há nenhuma mulher... não há mesmo ninguém, senão eu. Sou um bicho do mato... Ah! não sentir ninguém perto de nós... fazer só o que a nossa vontade exige... Parece impossível que se ame a vida familiar... A família! Que náusea!...

— Mas sem uma família constituída, não pode haver felicidade completa! — insurgia-me eu. Raul, pensativo, em vez de sustentar a sua opinião, respondia:

— De acordo. Por isso mesmo é que me repugna a vida familiar. Eu não quero ser feliz... Ser feliz, seria para mim a maior das infelicidades!...

Pobre amigo... pobre louco...

Depois de três anos passados na Bélgica, onde, sem resultado, tentei tirar um curso de engenharia, regressei a Portugal. Durante a minha ausência, as notícias de Raul haviam sido escassas. Ao chegar a Lisboa, a minha primeira visita foi para ele. Recebeu-me com as mãos cheias de gesso, no seu antigo escritório, transformado agora em atelier de escultura. No auge do assombro, bradei:

— O quê?! Então tu à última hora deste em artista?!

— Como vês: — respondeu serenamente — porque te admiras tanto?

— Em primeiro lugar — tornei — porque te desconhecia essa habilidade. Nunca mesmo, que eu me recorde, aludiste a ela. Depois como, segundo as tuas fantásticas teorias, se não deve ocupar o tempo em coisa alguma para que ele renda mais...

— Foi por isso justamente que me armei em escultor: faço estátuas. As minhas estátuas não são como as outras, meu velho, têm vida... Vida, percebes?... Em vez de fazer carne com a minha carne, faço vida com as minhas mãos; isto é, com o meu cérebro, que as conduz. Faço vida, o tempo passa sobre as minhas estátuas, não passa sobre mim...

Tinha razão. Mostrou-me as suas obras. Essas esculturas, viviam... Mármore de uma factura genial, assombrosa...

Obras-primas, sem dúvida; mas umas obras-primas singulares, por vezes disparatadas no belo...

Rico, não fizera da sua arte um ramo de comércio. Por isso, tanto mais lhe reconheciam o talento: Raul Vilar, o moço escultor, seria célebre dentro em pouco.

Indaguei pormenorisadamente da sua vida. Nela continuava a não aparecer nenhuma mulher. Quando lhe perguntei, por rodeios, exclamou:

— Pateta... Mulheres?... Para quê? Não tenho as minhas estátuas, não tenho mármore?... Dizem vocês os literatos cretinos, descrevendo o corpo duma mulher ideal: «As suas pernas bem torneadas e nervosas, eram duas colunas de rijo mármore; o seu colo, alabastro puro». Sim, apesar da vossa grande imbecilidade, vocês compreendem que a suprema beleza da carne está em parecer pedra... Ora eu tenho pedra; para que hei-de querer carne, pateta? E a dizer isto, acariciava os seios duma maravilhosa dançarina grega.

... ...

Pensando em Raul, dizia para mim próprio: «Será apenas um original que se deseja salientar, que faz gala nas suas originalidades; ou será um louco?»

Um louco, parecia-me a hipótese mais verdadeira. Mas no espírito do meu amigo havia tais incoerências que eu, vacilando, terminava por concluir: «é uma criatura incompreensível... um excelente rapaz... um grande artista...»

II

Instalado de novo em Lisboa; de engenheiro falido, feito burocrata, eu almejava — agora mais do que nunca — lançar-me na literatura. Enchendo-me de coragem e graças à carta de recomendação dum amigo obsequioso, consegui ver editado um livrosito de contos. Não foi um insucesso; foi quase uma glória: Venderam-se cerca de mil exemplares, o que, entre nós, é pasmoso.

Raul continuava a ser o meu confidente. Expunha-lhe todos os meus projectos, todas as minhas esperanças; era ele a primeira pessoa que ouvia ler as minhas obras. Agora, já não desdenhava como noutros tempos. No fundo, sentiria ainda um certo desprezo por esses fúteis escritos; mas, como experimentava uma necessidade de «criar», não me negava também esse direito.

O meu amigo nunca ia ao teatro. Um dia, entrei-lhe pela casa dentro, e desfechei:

— Anuncio-te que uma noite destas hás-de-me acompanhar forçosamente ao Dona Maria.

— Lá isso não, tem paciência — retorquiu. — Por ti, estou pronto a fazer todos os sacrifícios... menos esse; aliás inútil. Passar umas poucas de horas a ouvir as baboseiras que uns figurões de cara pintada nos pretendem impingir como pedaços da vida real, excede as minhas forças. Nem mesmo sei que prazer te daria o meu suplício...

— Um prazer enorme — respondi — tão grande, que vais aceder ao meu pedido, apesar de tudo o que disseste...

— Asseguro-te: É escusado teimares. Nada obterás.

— Sim? E se eu te disser que um dos autores da peça que te desejo mostrar é... sou eu próprio?

Raul estimava-me muito. Se há amigos verdadeiros, ele era um amigo verdadeiro. Sabia que a minha maior ambição fora sempre ver uma peça representada. Regozijou-se portanto com a nova, abraçou-me, e exclamou:

— Tens razão... Declaro-me vencido. Lá irei aplaudir-te... Mas contà-me... conta-me como isso foi. Porque é que nunca me falaste a tal respeito?...

— Quis-te fazer uma surpresa — volvi. — A história é simples: Uma noite, apresentaram-me ao Patrício Cruz; no dia seguinte, começámos a escrever uma peça — **A Náusea** — intitula-se. Dois meses depois, estava concluída; hoje, entrou em ensaios de apuro. Eis tudo.

— És então feliz? — indagou.

— Felicíssimo!

— Desgraçado!...

... ...

Patrício Cruz era um fenomenal talento de escritor. Os seus contos, pequeninas obras-primas, marcam lugar na nossa moderna literatura. «O Maupassant português», chamaram-lhe, na preocupação de arranjar equivalentes estrangeiros para os homens ilustres nacionais.

Essa brilhante inteligência que, possuída de uma estranha loucura, se veio a extinguir em Rilhafoles; fez de uma desajeitada ideia minha, um drama profundo e humano. Na nossa peça — não o digo por modéstia; terei todos os defeitos menos esse — o valioso é só dele; o trabalhoso, é meu.

Quem segue com interesse o movimento teatral, recordar-se-á, porventura, do ruído que essa obra levantou e — com certeza — da assombrosa criação de Ferreira da Silva. A ele e a Patrício, é que a **Náusea** pertence.

Na noite da primeira representação, consegui efectivamente carregar com o meu amigo para o teatro. Nessa noite conheci outro Raul: um Raul como toda a gente: coisa extraordinária nele. Abraçou-me nos intervalos, ficou com os seus conhecidos; apresentei-lhe Patrício, todos os nossos intérpretes, e o bisonho escultor foi o mais jovial dos conversadores. Datou dessa ocasião o seu conhecimento com Edmundo de Noronha, o ilustre jornalista e crítico de arte que tão belos artigos consagrou à sua obra.

Na manhã seguinte, mal saltei da cama, dirigi-me para casa do Raul, onde combinara almoçar. Durante a refeição, só se falou da **Náusea**:

— Meu amigo — confessou o escultor — já não penso o mesmo acerca da literatura. Considerava-a dantes como uma futilidade, apenas digna de espíritos fracos. Hoje, compreendo que laborava num erro. A escultura faz corpos: eu faço corpos. A literatura faz almas: tu fazes almas. **Se pudéssemos conjugar as nossas duas artes faríamos vida.** Felizmente é impossível...

***

A nomeada do escultor aumentou sobretudo quando o seu grupo **O Álcool** obteve um «grande prémio» no **Salon** de Paris (1901). Nessa glória — posso orgulhar-me — tive uma parte importante: com efeito, se não fossem as minhas repetidas insistências, Raul não teria exposto essa «maravilhosa tragédia de pedra», como lhe chamou um crítico parisiense, o sr. Arsène Alexandre.

Tal consagração trouxe ao artista um enorme prestígio: Valesse pouco o seu trabalho; incensado pela França, Portugal não se atreveria a desdenhá-lo.

A amizade que me ligava a Raul Vilar era sobejamente conhecida. Nos salões que frequentava, obrigado pela minha profissão, via-me continuamente assediado com perguntas acerca do célebre escultor. Todas as donas-de-casa me pediam que lho levasse. Com boas palavras, dissuadi-as; mas a Condessa de Vila Verde de tal forma instou comigo, que eu não tive outro remédio senão prometer-lhe que faria o impossível para arrastar o meu amigo aos seus salões.

Decidido a cumprir a minha promessa, tratei de arranjar um processo que convencesse Raul. Sem encontrar coisa alguma, resolvi sondá-lo antes de proceder. Ele estava tão mudado... Era possível que a vida de sociedade já não o horrorisasse... Foi por isso que lhe disse poucos dias depois:

— Sabes, meu velho, ontem estive no baile da legação da Rússia. Aborreci-me mortalmente. Contudo, não dei o meu tempo por mal empregado: achei o assunto para um romance...

— Parabéns — respondeu com enfado.

Não ousei arriscar mais uma palavra. O tom de Raul havia-me desarmado. Mas entre as nuvens de fumo do magnífico havano que há perto de um quarto de hora consumia silencioso, virou-se para mim e perguntou:

— Falaste verdade? Aborrecete-te nesse baile?...

— Aborreci. Eu aborreço-me sempre em todos...

— Então para que vais a essas estúpidas reuniões?

— Por causa do meu ofício. Preciso **observar**. Aborreço-me por amor da literatura...

— Ah! — tornou Raul, voltando à sua ideia fixa — gostava tanto de me aborrecer... Era tempo que roubava ao Tempo...

— É facílimo! — bradei inspirado. — Acompanha-me a um baile. Juro que te aborrecerás!...

— Talvez tenhas razão — murmurou passado um momento.

Era meio caminho andado. Depois de várias lutas subtis, a principal das quais foi a inevitável casaca que Raul se obstinava em não querer envergar, consegui arrastá-lo até à casa da Condessa e — à meia-noite — triunfalmente dávamos entrada nos salões que regorgitavam de convidados...

Nessa noite, São Carlos esteve deserto. Todos queriam conhecer o autor do **Álcool.**

... ...

Uma mulher, não aparecera ainda na vida do meu amigo; tinha a certeza.

III

— Então, posso felicitar-te? aborreceste-te?... — perguntei a Raul quando, a seu lado, saía a porta do palácio da Condessa.

A um sinal negativo, espantei-me:

— O quê?! Pois será possível?... Divertiu-te a **soirée?**

— Não.

— Nesse caso...

— É que eu não estive no baile.

— Hein?...

— É como te digo.

— Explica-te...

— Pouco tem que explicar. Alguém levou o meu espírito para outras regiões. Só o corpo — o animal — ficou nas salas.

— E qual foi a criatura que operou tamanho milagre? Quem foi esse **homem** extraordinário...?

— Não foi um homem.

— Uma mulher?!... Ah! então compreendo tudo.

— Não compreendes coisa alguma... Senão, diz o que compreendeste... — concluiu com estas palavras a um gesto meu.

— O que compreendi? — tornei. — O que qualquer compreenderia. Demais o problema é de fácil solução... Uma criatura fez-te esquecer tudo. Essa criatura foi uma mulher... Nova e bonita, não é verdade?

— Já te disse que o «animal» ficou na sala. Não viu portanto a minha companheira. A minha alma só, é que a viu... e a minha alma achou-a linda...

— Quando perderás esses ares misteriosos, quando deixarás de falar por enigmas — exclamei azedado. — A tua frase, apesar da sua nebulosidade pedantesca, significa que a mulher era nova e muito formosa... Aliás, não podia deixar de o ser... Falaste com ela durante umas poucas de horas... Percebo tudo, repito.

— E eu repito-te que não percebes coisa nenhuma... De que julgas que estivemos conversando?

— Ora... outro espinhoso problema — disse superiormente. — Com uma mulher bonita, para ocupar toda uma noite, a matéria da palestra só pode ser uma: o amor e o galanteio; tudo isso habilmente misturado com **modas, teatros** e um bocadinho de maledicência.

— Bem te dizia eu. Não compreendeste nada. Se a conversação tivesse versado sobre tais futilidades, os meus nervos não a teriam podido suportar. Falámos doutras coisas... De coisas muito diferentes... de coisas muito semelhantes...

— Confesso... Na realidade não te compreendo... És impossível... absolutamente insuportável... Não te entendo... nem quero entender... De que cor são os seus olhos?

— Negros.

— Os seus cabelos?

— Ébano.

— A sua pele?

— Branca de leite... a envolver um corpo tão belo, que nem parece obra da natureza...

— Apanhei-te! — bradei triunfante — apanhei-te! Que entusiasmo! E és tu, meu sonso, que nem sabias se **ela** era bonita ou feia!? Ah! Ah!... Meu caro, apesar de tudo, és um homem... Não te podes subtrair à tua mísera condição...

— Não falou o homem; falou o artista.

— Bolas! — gritei-lhe. Serenei imediatamente, perguntando:

— E quem é a misteriosa dama?

— Não sei.

— Não sabes?!

— Não.

— Pois quê?! Não te mereço essa confiança?... Tão adiantado está já o namoro, que tens de fazer reservas?...

A essa palavra «namoro», Raul, com um gesto violento, largou-me o braço e exclamou asperamente:

— Cala-te... Ah! mas cala-te!...

— Não, antes que me digas o seu nome. É impossível que o ignores!

— Não o ignoro.

— Então para que afirmavas agora mesmo que não sabias quem era a misteriosa dama?...

— Sei o seu nome, mas não sei quem ela é.

— Ora essa...

— Saber **quem** uma pessoa é; é conhecer a sua alma, penetrar nos seus pensamentos; saber como pensa, como executa. Numa noite, não se pode fazer tanto. A maioria das vezes, nem ao cabo de muitos anos se logra conhecer um companheiro de muitos anos. Por isso, à tua pergunta — «Quem é?» — respondi: — «Não sei». — O seu nome, sei-o: Marcela; a filha da Condessa.

— Desgraçado! — clamei. — Mas essa está para casar com o Maximo Liz... aquele advogadozinho que te apresentei outro dia... uma glória do foro... da elegância, célebre pelos seus fatos... Encontra-lo todas as tarde na rua do Ouro...

— Desgraçada dela, não de mim...

Com estas palavras, parámos defronte da porta de Raul. Despedímo-nos:

— Boa noite... dorme bem... — disse — não sonhes com o Doutor...

— Boa noite — retribuiu Raul, e desapareceu.

Continuei o meu caminho. Cheguei a minha casa, que ficava pouco distante e, lesto, meti-me entre lençóis. Desdobrei as **Novidades.** Na primeira página, não havia nada que ler: era toda consagrada à política. Na segunda, uma entrevista com um actor francês que no dia seguinte se devia estrear no D. Amélia, ocupou-me durante cinco minutos. Ia já a dobrar o jornal, quando as seguintes linhas da secção de anúncios me atrairam o olhar:

DR. MAXIMO LIZ
Advogado
Escritório — Rua Áurea, 23-1.º

...E eu sonhei com Marcela, sonhei com Raul, sonhei com o Dr. Liz...

— Também teria sucedido o mesmo ao meu amigo? — perguntei a mim próprio quando acordei ao meio-dia...

*
* *

No verão seguinte resolvi fazer uma viagem à França, à Inglaterra e à Itália. Parti em julho; contava demorar-me até aos fins de novembro. Em janeiro do ano imediato, conservava-me ainda em Paris... As notícias de Raul haviam sido poucas, e mesmo essas vagas: «Estou de saúde... novidades, nenhumas... um abraço do teu muito amigo... etc.». Notícias pessoais — isto é, notícias da alma — faltavam. É que ela ocultava alguma coisa.

Em março, finalmente, regressei a Lisboa.

Encontrei outro Raul: alegre, despreocupado, nada misterioso... Indaguei: a alegria datava da véspera. O motivo: é que nesse dia, ajustava-se o seu casamento com Marcela...

O fim do mundo, ter-me-ia causado menos espanto...

IV

Passageira foi porém a minha admiração. Pensando, conclui que extraordinário seria não ter acontecido tal. Raul era um homem, um artista para mais; uma natureza sensível portanto. O que lhe sucedera, era fatal. O amor não poupa ninguém. As melhores intenções de o desprezar, são inúteis: alfim, lá faz ele sentir as suas influências. No romance da vida de um homem — como em todos os romances — aparece sempre uma mulher, aparece sempre o amor. Afigurava-se-me apenas mais natural que a aventura do meu amigo tivesse sido qualquer coisa de romanesco, e não o prosaico, vulgar casamento:

«— O **matrimónio**... — dizia ele muitas vezes. — Ah! como eu abomino esse palavra!... um contrato mascarado com o título de «sacramento» que acorrenta inexoravelmente duas vidas; que dá todos os direitos ao homem, nenhuns à mulher!... Amem-se duas criaturas, entreguem-se uma à outra, visto que entre animais novos e de sangue ardente a intimidade das almas exige a dos corpos; não se sujeitem porém a assinar uma escritura e o mundo considerá-los-á criminosos!!... É inaudita a estupidez humana! O homem

— o animal mais perfeito — querendo-se tornar um ser doutra espécie, tornou-se unicamente no mais animal de todos os animais!...»

No entanto, o acaso fizera com que Raul encontrasse e amasse alguém que não lhe poderia pertencer senão por meio desse contrato. O amor, salva todos os obstáculos; não vai recuar pois diante do casamento: «verso errado em uma estrofe de alexandrinos primorosos, sonoros como bronze» — segundo a definição parvinha dum meu antigo condiscípulo anarquista e poeta...

Eis pelo que o meu pasmo se desfez, pensando melhor. Somente — confesso — experimentei uma vaga desilusão quando vi o meu amigo descer do seu pedestal de bizarria para a banalidade. Nessa banalidade, ia ser feliz. Eu alegrava-me por consequência.

O casamento foi como todos. Houve trens com convidados, houve **copo-d'água** com **chauds** e **froids** e os jornais trataram largamente do sucesso nos «carnets-mondains», «hig-lifes» ou «clubs e salas». Foi um acontecimento mundano da estação; parelha das récitas de gala em São Carlos e das **primeiras** no Dona Amélia: os mesmos espectadores, as mesmas imbecilidades. Eu assisti ao acto na qualidade de testemunha de Raul: ao **copo-d'água**, onde só bebi copos de champagne, e ao baile onde não dancei.

No dia seguinte ao seu enlace, os noivos partiram para a Suíça: Iriam passar no comboio e pelos quartos de hotel, aquilo que alambicadamente se convencionou chamar a **lua de mel.**

Ah! como há-de ser desagradável ter-se diante dos nossos olhos, nessas noites que se devem contar entre as mais felizes da vida, um cenário inexpressivo de paredes alheias, desconfortáveis, em vez do nosso lar, das nossas coisas...

Simplesmente, a moda exige as viagens de núpcias, preceitua a Itália e a Suíça como os leitos conjugais por excelência. O meu pobre Raul devia-se sujeitar à lei comum...

Mas não se sujeitou e, nisso, transpareceu o espírito doutros tempos. Às escusas, mandara preparar uma linda casinha numa sorridente aldeia do Minho, próximo da terra da sua naturalidade — Viana do Castelo. Aí, é que os noivos foram albergar o seu amor, em doce paz, em completa solidão. Eu tinha sido dos raros metidos na confidência. Para todos os efeitos, os esposos andavam-se a beijar por Lucerna, Zurique, Genebra, ou Basileia...

***

O que foram esses dois meses passados no Minho, não sei. Um poema de amor, de felicidade, por certo... poema que pude entrever quando o casal voltou para Lisboa e eu comecei a frequentar, ainda com mais assiduidade, a casa do meu antigo condiscípulo. Dantes, só um homem me atraía; agora era também uma mulher... uma mulher encantadora, uma criatura ideal. Raul e Marcela — dizia-se — não eram dois esposos, eram dois amantes. Com efeito, para a **sociedade**, existe uma grande diferença entre «marido e mulher» e amante e amante. No primeiro caso, é o amor consentido, o amor burocrata, membro da Academia; sério e circunspecto. Resume-se todo no amplexo que o sacramento consente e ordena — na produção dos filhos «crescei e multiplicai-vos!» Os esposos dignos devem respeitar-se até mesmo no delicioso momento em que os seus corpos se unem num feixe palpitante de carne e nervos. Devem ser comedidos no prazer, reservados na loucura: devem refrear os sentidos, abafar os suspiros...

O amor dos amantes, é pelo contrário, livre; livre de todas as peias, de toda a hipocrisia. Não tem que guardar

reservas: pode beijar as bocas, os seios, os corpos todos... É a liberdade na paixão, e como é liberdade, grageou o ódio da «gente honesta»...

Tudo isto é absurdo... tudo isto é verdadeiro. Que diferença poderá haver entre a posse de duas criaturas unidas por um contrato grafado a tinta negra e a de outras a quem nada liga senão um sentimento de amor mútuo?...

É por isto mesmo que os esposos que se amam como esposos, se não amam. É por isto mesmo que o marido tem amantes... que a sua mulher lhe segue muita vez o exemplo...

Raul e Marcela, amavam-se verdadeiramente; quer dizer: não se amavam como esposos. Raul era um artista. Abandonando por algum tempo a escultura, dedicava-se à arte do amor, a mais bela de todas.

A sua noite de núpcias não havia sido o vulgar estúpido e brutal momento **psicológico** — «enfim sós!» — episódio tragi-cómico lamentavelmente ridículo, que o meu amigo um dia me descrevera assim:

«— A **cândida-donzela** a quem a mamã recomendou que **obedecesse às exigências do marido, por mais estranhas que elas lhe parecessem**, embora já as conheça muito bem na maior parte das vezes, espera na alcôva o noivozinho de olhos no chão, de faces ruborizadas tomando uma atitude de colegial surpreendida em falta. Com efeito, habituaram-na a considerar **tudo isso** como secretas infâmias... o esposo espantar-se-ia decerto, se a fosse encontrar serena e sossegada, se no seu rosto não transparecesse a timidez ou a emoção. Poderia até duvidar da sua inocência...

«E o marido? Esse aparece também algo atrapalhadote, sem saber por onde principiar, não vá a pobrezinha assarapantar-se com a insólita coisa — ela, que está morta por isso mesmo...

«Ah! meu caro, como são imbecis todas estas hipocrisias; frutos dos eternos preconceitos, da educação totalmente errada duma espécie que se envergonha da sua mãe: a Natureza...»

Bem diferente tinha sido a noite de noivos de Marcela e Raul. Espíritos desprendidos, francos e livres, **não se envergonhando de ser animais;** possuiram-se encarando o acto como o mais natural, o mais humano, visto que é ele que fabrica a vida, que fabrica os homens... Possuíram-se como amantes, não se possuíram como esposos...

V

A estátua que Raul actualmente cinzelava, era Marcela. Aperfeiçoava-a para o Amor e — sem pensar na pedra — pensava agora só na sua carne; mármore ardente, palpitante... Imaginava, ensinava-lhe requintes de volúpia. Ela, de bom grado se prestava a todas as suas fantasias.

Não era banalmente no leito burguês — às escuras — que os seus corpos se estreitavam; era em plena luz, em estofos caros e moles, nos divans do atelier, donde, na fúria do amplexo, rolavam para o chão — abraçados, confundidos...

Marcela aparecia envolta em qualquer roupagem transparente. A carne nua mostrava-se através do delgado tecido; os seios erectos oscilavam com as suas pontas rosadas a enfolarem o pano... Ah! Como ele gostava de morder esses seios! Beijava-os, mordia-os tão sofregamente, que uma vez o sangue correra...

Raul, acabava de despir a visão perturbadora, mergulhava o rosto no mar dos seus cabelos, sorvia beijos nos seus lábios, em todo o seu corpo... Adorava os seus pés de deusa; metia-os na boca, roía-os. Beijava-lhe as pernas nervosas e brancas, enlaçava-as nas suas.

Dizia-lhe: «És tão linda! A tua pele, meu amor, cobre toda a tua carne; distendida, sem uma prega... parece querer estoirar...»

Um dia, ela pediu-lhe que fizesse o seu busto. Ele fez uma estátua. Modelou-a numa bacante ébria de luxúria e vinho, contorcida num espasmo delirante. Concluída a obra, quebrou-a: «Não conseguira — disse — reproduzir em mármore o mármore do seu corpo...»

A sua maneira de amar passou por várias fases; fez de Marcela uma cortesã grega, uma prostituta romana, uma cócóte parisiense...

Nunca lhe deixou usar espartilho. Gostava de sair com ela pouco vestida: Os braços semi-nus, o colo a adivinhar-se, as pernas cobertas de invisíveis meias negras, cingidas por uma saia apertada. «O meu maior prazer — exclamava — seria passear com o teu corpo nu, mostrá-lo pelas ruas para que toda a gente pudesse admirar a minha obra-prima! Sim! fui eu que formei, que dei fogo... vida a este corpo!...»
O viver dos dois esposos foi debicado... Mas como eram casados...

Num êxtase dos sentidos, os jovens pagãos, bêbados de beijos, iam passando a existência na máxima ventura. Julgava o meu amigo curado... Invejava-lhe a felicidade...

... ...

Uma tarde — oh! recordo-me tão bem da cena — Raul disse-me para ir jantar a sua casa. Fui. Marcela apareceu sem saber da minha presença. Ao ver-me, estacou ruborizada. É que estava positivamente nua. Vestia uma túnica que não lhe cobria as costas, que lhe deixava o peito quase todo descoberto. Raul, ao notar a sua perturbação, soltou uma cristalina gargalhada e — voltando-se para mim — clamou:

— Já que não posso mostrar a ninguém a minha melhor obra, ao menos que a conheças tu... Eu nunca tive segredos para ti!...

Com um puxão, despojou Marcela do seu leve vestuário... Numa aparição ideal, eu vi o seu corpo inteiramente nu... Que corpo... Nos braços, nas pernas, nos seios, havia nódoas negras: eram escoriações de amor, compreendi... A visão durou um segundo... Ela fugiu chorando...

... ...

Um louco... um louco, não havia dúvida...

*
* *

Este desconcertante episódio, assombrou-me; mas como de Raul eu esperava tudo, o facto não me ocupou mais do que poucas horas.

Não obstante, muita vez eu punha-me a pensar no meu amigo, a querer percebê-lo, penetrar na sua alma, achar o x da intricada equação. Por diante dos meus olhos, perpassavam então as várias circunstâncias estranhas da sua vida: Via-o, em criança, espancar um desgraçado, só pelo prazer de fazer mal — ele, que possuía um coração de pomba... Via-o, em adolescente, sustentar as mais singulares teorias, ser o contrário de todos os rapazes; evidenciar ideias loucas, por vezes sinistras. Mais tarde, havia o desdenhoso de tudo, o desdenhoso de arte, que se fazia artista... E que artista assombroso! No entanto, invulgar, sobrenatural nos seus processos... Finalmente, o inimigo do amor e da mulher vivia só para o amor, só para o corpo duma mulher... casado, casado à face da igreja, como toda a gente... Esta **vulgaridade** sobretudo é que me espantava: Em Raul, o vulgar era a excentricidade... E a nova fase em que ele agora me apa-

recia? O casto de outrora, transformara-se num quase debochado, num vicioso que se deixava esvair nas ondas espasmódicas dos sentidos satisfeitos, que feria, mordia como uma besta-fera a carne em que saciava a sua fúria!...

Para mim, profissional da observação, o caso do meu amigo era deveras interessante. Tentava resolvê-lo, talvez até por conveniência. Com efeito, a sua fenomenal psicologia — se a lograsse compreender — daria sem dúvida um belo assunto de romance.

Ah! mal supunha eu que em breve iria presenciar uma tragédia cujo protagonista seria ele próprio e que, ao contrário dos dramas vividos, teria princípio, meio e fim...

Pensava, tornava a pensar nesse estranho carácter; queria percebê-lo, mas não o percebia por maiores esforços que fizesse, e como a sua personalidade continuava a ser para mim um enigma, concluía: É um louco, duma loucura desconhecida e muito bizarra, porém...

***

Loucura? — Mas afinal o que vem a ser a loucura?... Um enigma... Por isso mesmo é que às pessoas enigmáticas, incompreensíveis, se dá o nome de **loucos**...

Que a loucura, no fundo, é como tantas outras, uma questão de maioria. A vida é uma convenção: **isto** é vermelho, **aquilo** é branco, unicamente porque se determinou chamar à cor **disto** vermelho e à cor **daquilo** branco. A maior parte dos homens adoptou um sistema determinado de convenções: É a **gente de juízo**... Pelo contrário, um número reduzido de indivíduos vê os objectos com outros olhos, chama-lhes outros nomes, pensa de maneira diferente, encara a vida de modo diverso. Como estão em minoria... são **doidos**...

Se um dia porém a sorte favorecesse os loucos, se o seu número fosse o superior e o génio da sua loucura idêntico, eles é que passariam a ser os ajuizados: **Na terra dos cegos, quem tem um olho é rei,** diz o adágio: na terra dos doidos, quem tem juízo, é doido, concluo eu.

O meu amigo não pensava como toda a gente ...Eu não o compreendia: chamava-lhe doido...

Eis tudo.

VI

Uma manhã, entrando no atelier de Raul, fui encontrá-lo reclinado num divã, numa atitude pensativa, conservando sobre os joelhos uma revista ilustrada. Entrei, e os meus passos não o fizeram sair da sua meditação. Toquei-lhe no ombro dizendo:

— Ora viva o nosso artista! Que está ele a fazer?

Raul olhou para mim e, muito naturalmente, respondeu:

— Nada. Penso... Como estás?

— Óptimo... Pensas então... E em quê? Será segredo?

— Não. Penso nuns versos que acabei de ler.

— Hein?! — exclamei admirado. — Será possível?... Tu agora lês... e para mais versos?... Tu... Tu que chamavas a todos os poetas patetinhas, e, às suas produções, lamechas parvoeiras que só servem para encher papel... para estragar papel com as suas linhas que não ocupam todo o comprimento da página?... É fenomenal! Com que então agora lês versos?!...

— Mero acaso. Remexendo papéis velhos, achei uns números antigos desta ilustração. Umas folhas cairam no sobrado e desdobraram-se. Ao apanhá-las, os meus olhos fixaram-se nuns versos. Instintivamente li-os. Percebo agora

porquê. Ah! meu amigo, a leitura desses versos foi para mim uma revelação. Escuta-os:

— O seu autor? — indaguei.

— Cesário Verde.

Pegou no papel e numa voz sonora, leu-me com grande sentimento a seguinte poesia:

IRONIAS DO DESGOSTO

«Onde é que te nasceu — dizia-me ela às vezes —
«O horror calado e triste às coisas sepulcrais?
«Porque é que não possuis a verve dos franceses
«E aspiras, em silêncio, o frasco dos meus sais?

«Porque é que tens o olhar moroso e persistente,
«As sombras dum jazigo e as fundas abstracções,
«E abrigas tanto fel no peito que não sente
«O abalo feminil das minhas expansões?

«Há quem te julgue um velho. O teu sorriso é falso;
«Mas quando tentas rir parece então, meu bem,
«Que estão edificando um negro cadafalso
«E ou vai alguém morrer ou vão matar alguém!

«Eu vim — não sabes tu? — para gozar em maio,
«No campo, a quietação banhada de prazer!
«Não vês, ó descorado, as vestes com que saio,
«E os júbilos que abril acaba de trazer?

«Não vês como a campina é toda embalsamada
«E como nos alegra em cada nova flor?
«Então porque é que tens na fronte consternada
«Um não sei quê tocante e enternecedor?»

E eu só lhe respondia: — «Escuta-me. Conforme
«Tu vibras os cristais de boca musical,
«Vai-nos minando o tempo, o tempo — o cancro enorme
«Que te há-de corromper o corpo de vestal.

«E eu calmamante sei, na dor que me amortalha,
«Que a tua cabecinha ornada à Rabagas,
«A pouco e pouco há-de ir tornando-se grisalha
«E em breve ao quente sol e ao gás alvejará!

«E eu que daria um rei por cada teu suspiro,
«Eu, que amo a mocidade e as modas fúteis, vãs,
«Eu morro de pezar, talvez, porque prefiro
«O teu cabelo escuro às veneráveis cãs!» (*)

— É linda a poesia — exclamei. — Leste-a magnificamente. Não te conhecia tal dote...

Raul conservava-se calado e sorumbático. Eu prossegui:

— Esses versos entristeceram-te, não?

— Entristeceram.

— E porquê?

— Porque vieram aclarar no meu cérebro uma ideia que germinava há muito nele. Sim! É horrível a vida! Somos novos, amamos, e cada dia vai consumindo o nosso organismo, envelhecendo-nos... Assistimos, nós mesmos, à morte lenta do nosso corpo... Enquanto beijamos uma boca ardente, enquanto modelamos a carne dum corpo divino, «vai-nos minando o tempo, o tempo — o cancro enorme!...» Oh! bas-

---

(*) Esta poesia pode ler-se na **Ilustração** — Revista Ilustrada, que em tempos se publicou em Paris, sob a direcção do falecido jornalista Mariano Pina — no n.º 17, do 3.º ano; correspondente a 5 de Setembro de 1886. Vem também na pág. 26 do **Livro de Cesário Verde** (3.ª edição — Lisboa, 1911).

tante razão tinha eu quando me queria aborrecer para o **Tempo** levar **mais tempo** a passar! Não terei coragem para resistir a tal suplício... O remédio é simples...

Marcela entrava nessa ocasião.

— Sabe — disse, voltando-me para ela — o nosso Raul está maduro de todo! Então não o venho encontrar preocupadíssimo — imagine com quê! — com a velhice, para nós três felizmente ainda tão longe!? Diz que não tem coragem para suportar esse terrível martírio, que a solução, aliás, é fácil... Enfim, entrevi nas suas palavras um revólver apontado à cabeça!...

Marcela, sorrindo, respondeu:

— Ah! não me admiro. Louco é ele sempre. Tem cada ideia mais esquisita... Outro dia, calcule, participou-me que a sua maior felicidade seria se eu fosse feia... muito feia... Para quê, ignoro... Que se lhe há-de fazer?

Raul, sorriu também, dizendo:

— Vocês têm razão... Eu sou maluco de todo. Vamos almoçar.

E fomos almoçar. Durante o almoço, não se tratou mais das loucuras do meu amigo.

*
* *

Embora íntimo de Raul, sem se passar uma semana que não fosse a sua casa e que não jantasse ou almoçasse à sua mesa, a minha intimidade com sua mulher era pequena. Limitava-se à conversação banal das pessoas que se **conhecem.** Havia mesmo um certo embaraço entre nós desde a cena extraordinária que narrei.

Algumas semanas depois daquele dia em que o escultor me parecera voltar às suas antigas fantasias, indo procurá-lo uma noite, recebeu-me Marcela. «O seu marido — informou-me — saíra para ir assistir à reunião de qualquer comissão artística. Não se demoraria muito; uma hora, talvez... Que esperasse por ele — ofereceu-me. — Conversaríamos os dois».

Aceitei de bom grado.

Ela fez-me várias perguntas acerca da peça que eu trazia em ensaios no Dona Amélia. Esgotado o assunto, referindo-se a Raul, principiou:

— Não sei o que ele tem... Há uns tempos para cá, anda triste... muito triste. Tenho-o interrogado. Dá-me sempre respostas evasivas: que o deixe, que é imaginação minha, que não tem nada — ou antes — que os seus nervos se ressentem do calor excessivo... Ah! mas através das suas palavras, transparece claramente a sombra de um cuidado... Ele tem qualquer coisa, asseguro-lhe...

— Nada, estou certo — sosseguei-a — Raul é dotado dum carácter muito estranho: ora sombrio e reservado; ora alegre e comunicativo. Actualmente, atravessa uma crise de tristeza. Com tão formosa companheira, a soturnidade desaparecerá em breve...

— Depois — continuou Marcela — começa às vezes com umas divagações tão extraordinárias! Olhe, ainda anteontem me perguntou; sem mais nem menos, se eu me queria suicidar com ele nessa mesma noite, morrer feliz nos seus braços!... «Brincas — murmurei — mas com essas coisas não se brinca...» — «Pelo contrário, falo muito a sério» — retorquiu. E era tão dura a expressão do seu rosto, tão desabitual o brilho dos seus olhos; que o sorriso me expirou nos lábios. Um calafrio percorreu-me todo o corpo. Ele acrescentou: — «Não queres... não me compreendes... És como toda a gente... Tens amor à vida... Lastimo-te... Não serei eu que te obrigarei a mudar de ideias. Pelo meu lado — juro-te — não estou disposto a sacrificar a ninguém — nem mesmo a ti — a liberdade do meu pensamento, das minhas acções.» Em seguida calou-se. Estas palavras incompreensíveis, afli-

giram-me muito. Receio que tome alguma resolução desvairada. Porquê, ignoro, pergunto a mim própria, mas não encontro nenhum motivo. Não lhe conheço preocupações nem inimigos: nada enfim que o possa atormentar. É feliz. A glória do seu nome é invejada por todos. Que lhe falta?... Não sei... Ah! mas tenho medo... tenho medo... tenho medo dele...

— Desconhece ainda o seu carácter — volvi. — Não admira. Conhece Raul há pouco mais dum ano. Eu que convivo com ele desde a infância, ainda não o consegui compreender inteiramente. Todavia, percebo-o, leio melhor no seu íntimo do que a Marcela. Creia-me, pode sossegar, não há motivos para sustos. Se quer, eu mesmo o confessarei, pregar-lhe-ei um sermão...

— Como lhe agradeço! Como lhe agradeço!... — exclamou a minha interlocutora num grito de alma, apertando-me freneticamente as mãos. — Não me atrevia a pedir-lho...

A atitude de Marcela deu-me a entender que o perigo era mais real do que até aí eu imaginara.

Misterioso perigo esse, sem dúvida, como misterioso era tudo quanto dizia respeito ao meu amigo.

— E ele tem trabalhado? — indaguei.

— Não. Fecha-se no atelier passa lá horas esquecidas, mas não faz coisa alguma...

Houve um pequeno silêncio. Após um instante, reatei a conversa, falando de quaisquer banalidades.

Às onze horas, Raul entrou. No seu rosto notava-se uma profunda melancolia; um ar vago, louco; o cabelo em desalinho, o olhar febricitante...

— Estupante a reunião? — inquiri.

— Qual reunião?... — perguntou, como se acordasse dum sonho.

Depois, coordenando subitamente as ideias, concluiu:

— Ah! sim... a reunião... Suficientemente massuda...

E, voltando-se para Marcela:

— Uma chávena de café... muito forte... conhaque...

Marcela, inquieta, saiu a dar as competentes ordens. Voltou com uma criada, que trouxe o café fumegante e a garrafa da aguardente.

Sem dizer uma palavra, envolto nas nuvens de fumo dum cachimbo atafulhado, o escultor bebeu três chávenas de café sem açúcar.

Marcela retirou-se: «Uma dor de cabeça», pretextou. Eu e Raul ficámos sós.

— Sabes — arrisquei — há perto de duas horas que estou cá em casa... A tua mulher teve a sublime pachorra de me aturar durante todo esse tempo...

O artista permanecia calado. Eu continuei:

— É verdade: procurou-me hoje o Edmundo de Noronha... Quer-se ocupar da tua obra numa revista alemã onde vai colaborar... Pediu-me notas biográficas... Indagou se tu serias acessível a uma entrevista. Eu assustei-o. Disse-lhe que desistisse do seu intento... Fiz bem?... Fiz bem ou não?... Não respondes?... Ó homem emudeceste!?...

— Ah! falas comigo?... — murmurou.

— Parece que sim... Ouve-me Raul... Eu sei que tens andado muito triste, muito preocupado!? Que tens?

— Queixas da Marcela, já vejo... Que seca... Deixa-me, faz favor?... — e amarfanhava nervosamente o guardanapo.

— É certo; — respondi. — Marcela falou-me das tuas estranhas maneiras destes últimos dias. Eu sosseguei-a e quis-me sossegar a mim próprio; mas, desde que entraste, bastou-me olhar para o teu rosto para verificar que ela tinha razão... Vinhas carrancudo, sombrio... Pediste café... Bebeste sofregamente umas poucas de chávenas... Agora, envenenas-te com o teu cachimbo... sempre sem dizer uma palavra... A gente fala contigo; não ouves... Interrogo-te,

respondes a custo e como se o teu espírito pairasse por etéreas regiões... Que tens, diz!

— Nada, homem.

— Alguma coisa!...

— Coisa nenhuma.

— Não me tentes enganar. É inútil. Repara que te conheço há muitos anos. Aprendi a ler no teu rosto... Que diabo! Não serei o teu amigo — o teu único amigo, como me tens dito tanta vez!?... Então, para que são esses segredos? Para quê?... Para quê?...

— Não tenho segredos. Se estás com vontade de massares alguém, vai ter com outra pessoa. Eu é que te não estou para aturar!...

Levantou-se num movimento brusco; ia a sair da sala, mas agarrei-o por um braço:

— Não me escapas!

E olhando-o fixamente:

— Tu tens alguma coisa! O que é? Para que falaste outro dia a Marcela em suicídios e não sei que mais?...

— Ah! ela contou-te!? — exclamou Raul com vivacidade. — Divagações... — terminou sereno.

— Não me conheces?

— Demasiadamente; e por isso mesmo é que desejo saber tudo. Alguma ideia fixa te rói a imaginação; alguma daquelas fantásticas ideias que são só tuas... O teu cérebro anda doente, meu pobre Raul... Precisamos tratar dele, curá-lo...

Passados alguns instantes, num grande desalento, o meu amigo concordou vencido:

— Anda doente o meu cérebro?... Sim... Sim, muito doente... Um sofrimento horrível...

— Vamos, desabafa!

— Sabes donde venho?

— Da reunião duma comissão qualquer...

— Com efeito, devia vir daí... Mas não... Vagueei durante três horas pelas ruas da cidade... a pensar... a pensar...

— A pensar em quê?

Como se não me tivesse ouvido, prosseguiu:

— Tu não podes avaliar o tamanho do meu suplício... Não podes... A tua alma não compreende a minha... nem a tua, nem a de ninguém. Tenho horror à vida... meu amigo, tenho horror à vida... Tenho horror à morte; menos horror talvez... mais horror... ignoro... Não posso viver, não posso viver... Não quero morrer... não quero morrer... É horrível... horrível... Que ando a fazer neste mundo? O mesmo que as outras pessoas, bem sei... Ah! mas é justamente isso que me aterra, que me horroriza... Vivo como todos, à espera da velhice, percebes? À espera da morte, compreendes?

Eu não compreendia nada. Ia a interrompê-lo. Ele continuou:

— Hoje sou novo... Marcela é nova... Somos belos... Os nossos corpos, esbeltos, flexíveis... Os nossos lábios ardentes; os nossos órgãos, vigorosos... Amamos e sabemos e podemos amar... A carne dum deseja a carne do outro; palpitando ao lado dela, esvai-se delirante, arfa morta de prazer... Dos nossos corpos brota a vida... Amamo-nos, somos novos... somos felizes... Mas amanhã?... Amanhã... Terrível! Seremos velhos... A carne amolecida, já não desejará a carne; ou, se a desejar, em vão se esforçará por fremir aos deliciosos contactos. O foco da vida, apagado, não inflamará os sentidos... A alma, que nunca envelhece, que ama sempre, já não saberá nem poderá amar!... Diante dum corpo encarquilhado e frio, eu recordarei esse mesmo corpo quando ele era fogo... mármore... mármore que ardia... Recordarei prazeres estonteantes em horríveis despojos... Morrerei de sede, junto da fonte onde outrora tanta vez bebi a vida a haustos largos... Recordar é morrer... E eu não tenho coragem para morrer desta maneira... Não tenho! Não

hei-de morrer assim!... Lembrar-me que cada dia me aproxima dessa hora fatal e não poder... não poder obstar a que os dias passem!... Ah! meu amigo, o meu cérebro está doente... muito doente... Nada o curará!... Se eu pudesse pensar, encarar as coisas como todos as encaram... Mas não posso... não posso... A minha alma é diferente de todas as outras almas!...

— Enlouqueces! — bradei eu, que admirado e aterrorizado, reconhecia o antigo Raul com a sua antiga loucura. — Expulsa esses pensamentos alucinantes... Distrai-te, trabalha... Ama a tua linda mulher... Para que te matares com essas ideias que, nota bem, te podem conduzir à loucura?...

— Enlouquecer! — murmurou. — Suma felicidade! É um remédio... um remédio talvez preferível àquele que eu tinha achado... Porque, sabes, eu já tinha encontrado um remédio para este martírio... Se Marcela pensasse como eu, podíamos ser tão felizes ...tão felizes... Morrer nos seus braços... a beijar-lhe a boca... a morder-lhe os seios... Morrer com ela... com os nossos corpos entrelaçados... num êxtase supremo dos sentidos... da alma prestes a evolar-se... Ah! como seria bom... Morreríamos romanticamente, numa noite de luar, rodeados de flores... de orquídeas... de rosas... de muitas rosas... Gostava tanto de morrer assim... tanto... Para morrer só, falta-me a coragem... tenho medo... Mas ela não pensa como eu... ela pensa como todos... Ela gosta da vida... da vida... da vida... da vida!...

E Raul, num grande desvairamento, gritava-me por entre soluços:

— Pede-lhe... pede-lhe que consinta... que me salve desta tortura atroz... que morra comigo... Pede-lhe! Pede-lhe!...

— Cala-te! — ordenei horrorizado. — Tu não sabes o que estás a dizer!... Cala-te! cala-te!... Endoideceste certamente!...

Empurrei-o para diante dum espelho e fiz-lhe ver o rosto transtornado, as suas faces rubras gotejantes de suor.

— Contempla a tua fisionomia... Vês? Vês?... tens na tua frente a imagem da loucura... Vamos, sossega... É esse café fortíssimo que te agita o cérebro... Vai-te deitar... Dorme... Falaremos amanhã...

— Tens razão — disse em voz baixa e serenando. — Vou dormir. É o melhor que tenho a fazer. Dormir, é a maior felicidade desta vida... Adeus. Vou dormir... dormir muito...

Desapareceu.

Interdito, dirigi-me para a porta da escada. Abri-a e saí. Na rua, o ar, apesar de quente e abafadiço, deu-me a impressão duma atmosfera puríssima, duma brisa fresca que me afagava... que me deliciava...

Porque eu saíra dum pesadelo terrível... a arder... a arder em febre...

... ...

VII

Decididamente, o caso do meu amigo era grave. Debalde me preocupava em busca dum meio que o remediasse. A primeira coisa a fazer seria obrigá-lo a consultar um médico. Mas como obter isso de Raul?

Perdia-me imaginando estratagemas conducentes a tal fim, quando numa tarde de chuva e vento fui encontrar o escultor no seu atelier, envergando a blusa do trabalho e com as mãos atascadas em gesso. Trabalhava evidentemente, o que há muito não acontecia. A tristeza dos últimos tempos parecia ter passado por completo; o seu rosto apresentava agora uma expressão desanuviada e serena. Disse-lhe:

— Olá!... Com que então temos obra?

— Sim. Um bustozito sem importância...

— Estimo. Estavas um preguiçoso. Desde que casaste ainda não produziste nada!

— É verdade. Nem um filho.

Sorriu e perguntou:

— Olha lá, tu sempre fizeste aquela coisa de que me falaste em tempos?

— Qual coisa?

— Esse episódio ou não sei quê dos amores célebres... Dois noivos, diante dos quais desfilariam todos os grandes apaixonados: Marco António e Cleóprata, Petrarca e Laura, Camões e Natércia...

— Ah! — exclamei indiferentemente. — Nunca mais me lembrei disso. Porque mo perguntas?

— É que se tu consentisses, eu aproveitava a ideia.

— O quê!? Vai-te meter a poeta?... — bradei assombrado.

— Vou.

— Tenho portanto na minha frente um colega?... É estupendo!...

— Perdão. Os teus versos são escritos. Os meus serão cinzelados. Percebes?...

— Ah... Desejas tratar o assunto em alguma escultura?

— Exactamente.

— Bela ideia! Eu farei depois um poema sobre a tua inspiração. Vês, assim colaboraremos os dois. Lembras-te? «O escultor faz corpos — dizias — o escritor faz almas...» Da nossa colaboração vai sair a vida!

— A vida...

Esboçou um sorriso amargo, as suas feições contraíram-se mas a amargura durou um momento. Em breve, cheio de entusiasmo, me descrevia o plano da sua obra.

... ...

O meu amigo trabalhava! Estava salvo. Para certas enfermidades, o trabalho é um grande médico.

*
* *

Na obra estranha de Raul Vilar avultam como momentos duma factura admirável, o grupo **O Álcool** e o baixo-relevo **Amor** — a sua obra-prima — que pertence hoje a um milionário americano, rei de qualquer coisa. O governo português, sempre predispostos a inúteis prodigalidades, não teve alma para desembolsar os setenta contos que o seu anterior proprietário exigira por essa maravilha de arte nacional.

Descrever tal obra seria, além de impossível, inútil, visto que toda a gente a conhece, pelo menos nas reproduções que dela fizeram todos os jornais e revistas.

O **Amor** foi exposto no **Salon** de 1904, o penúltimo realizado em vida do artista, que faleceu em Fevereiro de 1906.

Esse trabalho dum estrangeiro, reuniu em volta de si as principais atenções da crítica parisiense. Longos artigos lhe foram consagrados. Um deles proclamava Raul Vilar como o maior escultor contemporâneo. A **Ilustração** francesa, adoptando esse epíteto, epigrafou com ele o seu retrato no mesmo número em que publicava uma soberba fotogravura do baixo-relevo.

Depois do sucesso do **Amor**, o meu amigo começou trabalhando com uma actividade febril. De toda a parte lhe choviam as encomendas. Pensou até em se estabelecer em Paris. Não o fez por causa de Marcela, que se desgostaria longe dos seus pais, das suas relações.

— E mesmo porque não posso passar sem as tuas parvoíces! — explicara-me.

«Agradecia-lhe profundamente a sua gentileza» — assegurei-lhe.

Foi nessa época — fins de 1904 a meados de 1905 — o período de maior actividade do artista.

Ele, até aí, fora como que um amador de génio; só então se transformou num verdadeiro profissional.

Nesse trabalho incessante, prodigioso, esqueceria todas as suas extraordinárias ideias, julgava eu.

Nem tinha tempo para conversar comigo; abandonava a sua mulher. Marcela por mais duma vez se me queixou. Eu dizia-lhe:

— Paciência... Agora, estamos na crise do trabalho. Ela passará... como as outras...

... ...

*
* *

Foi pelo Natal desse ano de 1904 que Patrício Cruz se suicidou em Rilhafoles, depois de várias tentativas, apesar de toda vigilância. Descobrira com efeito — nunca se apurou como — que a sua **operação** não passara duma comédia.

A notícia impressinou-me deveras, tanto mais que supunha Patrício inteiramente curado da sua bizarra mania, próximo a sair do manicómio.

Raul, ao saber do acontecimento, pediu-me pormenores. Foi mesmo a única vez durante a sua fase trabalhadora, que se demorou comigo cerca de meia-hora.

Depois de eu lhe ter contado tudo quanto sabia, perguntou-me:

— E qual é a tua opinião a respeito de Patrício? Um doido?...

— Certamente — afirmei. — Quem o pode duvidar?

— Eu.

— Tu?

— Eu, sim.

— E em que baseias as tuas dúvidas?

— Em coisa nenhuma. É um secreto pensamento que mo afirma. Enganaram-se vocês e os médicos com isso a que chamaram loucura. O vosso espírito é demasiadamente acanhado para compreender tudo quanto não seja o comum... o vulgar.

Iria Raul ser obcecado por outra nova mania? — receei. — Iria também julgar-se possuidor do **órgão do sexto sentido?**

Passados poucos dias, sosseguei porém. O escultor voltava à sua febre de trabalho.

Se narro este episódio, que aparentemente se poderia julgar inútil é porque ele indica que mesmo na época em que o espírito do meu amigo parecia livre de todas as excentricidades e preocupado unicamente com a sua arte, surgia entretanto nestas e noutras circunstâncias insignificantes, o antigo cérebro nebuloso, incompreensível... Isto, percebo-o agora. Na ocasião, pouca importância liguei ao facto. Continuava perfeitamente sossegado. As faculdades mentais de Raul já não me inquietavam.

VIII

Desde este ponto, torna-se mais difícil reconstituir a tragédia dessa alma, estudar o seu desenvolvimento até ao resultado final. Pequeninas coisas, à primeira vista insignificantes, mas que hoje me voltam ao espírito, vagas recordações, uma palavra aqui, outra ali; e — sobretudo — umas páginas, fragmentos duma espécie de diário desordenado que achei entre os papéis do meu infeliz amigo, vão-me auxiliar nessa reconstituição. Nas minhas conjecturas creio todavia não me afastar muito da verdade.

*
* *

Para a realização das suas obras Raul necessitava de modelos. Assim, a sua **Afrodite** foi modelada diante do corpo nu de Luísa Vaz, uma criaturinha que teve a sua hora de celebridade em Lisboa.

Atrizeta, estreara-se num teatro de feira, cantando indecências. Daí, passara para o Avenida, onde, graças à sua beleza escultural logrou ser notada. Os jornais falaram dela — me-

xera os cordelinhos o apaixonado crítico de certa gazeta política — e o caso foi que dentro em pouco, se ia ao Avenida só por causa de Luísa Vaz. Com uma nova revista do ano o sucesso aumentou.

Por essa ocasião procurava Raul um modelo, sem encontrar nenhum que o satisfizesse plenamente. Falando do assunto a Edmundo de Noronha, o jornalista lembrou-se de Luísa. Levou-o ao teatro e apresentou-lhe a **estrela** que, pressentindo um óptimo reclamo, aceitou a proposta entusiasmada.

O escultor não ocultou o facto a sua mulher. Como lhe parecesse que ela não recebera a notícia a sangue-frio, indagou:

— Porque te pões amuada? Não queres que eu trabalhe? Ciúmes?... Ah... ah... Um modelo é um manequim sem vida... uma **coisa** apenas... um coisa bela, é certo.

— Ela não é um modelo.

— O que é então?

— Uma actriz.

— Ora... ora... — volveu Raul — que faz isso?

— Muito. Já uma vez te servi de modelo, e lembro-me perfeitamente de que não fui para ti um **simples manequim**...

— Que milagre! Eu amo-te... És a minha mulherzinha... e as outras... pf! — concluiu com desprezo.

Convencida ou não, Marcela resignou-se.

Raul começou trabalhando com Luísa. Seriam castas, meramente artísticas, as suas intenções; porém o meu amigo era um homem... Quer dizer, não teve ânimo para repelir as provocações da viciosa garota. A sua carne palpitou e — só com a carne — amou a estonteante atrizita. Numa embriaguez dos sentidos, possuiu-a nos mesmos divãs desse atelier, onde costumava estreitar o corpo de Marcela. Horrorizado com o «sacrilégio», determinara não o repetir, mas... O eterno **mas**: a carne é fraca...

Durante a execução da **Afrodite**, depois de uma hora de trabalho, seguiam-se duas de amor se amor se pode chamar à prática luxuriosa dos vícios mais requintados.

Dizia-lhe a Luísa:

— Eu quero que tu me ames como eu te amo... Com todo o teu corpo: com as mãos... com os braços... com a boca...

E deste modo se amavam na realidade... Com a boca principalmente...

Tudo isto veio a terminar com a conclusão da estátua. Livre duma intimidade forçada, Raul absteve-se de a continuar; aliás com grande desgosto do modelo.

Afrodite é uma obra do autor do **Álcool**, o que equivale a dizer: uma obra-prima. Contudo, entre todas as outras, talvez a menos notável. É uma estátua vigorosa, clássica, impecável; por isso exactamente, o génio não se manifesta nela com a mesma pujança.

Foi por este tempo que eu vi Marcela perder a sua habitual alegria: os lábios descorados, os olhos pisados, indicando lágrimas, evidenciavam qualquer desgosto. Esperei que me escolhesse para seu confidente, como já tinha feito uma vez. Calava-se. Decidi-me a interrogá-la. Respondeu-me evasivamente. Não insisti.

O motivo dessa tristeza, conheci-o mais tarde. Marcela descobrira as relações de Raul com Luísa. Entre os dois esposos houve pela primeira vez uma cena. Raul exorbitara ao princípio. Depois, reflectindo, implorara o perdão com soluções, jurara eterno arrependimento... Tudo quanto pediu obteve...

***

O escultor, continuando a trabalhar, continuava a precisar de modelos. Luísa, porém, fora banida. Mesmo, passado pouco tempo, emigrou para França, pelo braço daquele pálido vis-

condezinho do Avelanal, que veio a morrer tísico em Davos. A Luisinha ficou por Paris. Os bons patriotas podem aplaudi-la actualmente na revista do **Marigny**, onde — debaixo do nome de «Mlle, Hydxawkitch, la belle Indienne» — executa, pouco vestida, uns equívocos bailados orientais...

Não obstante, Marcela vivia numa contínua desconfiança. O seu «amorzinho» atraiçoara-a uma vez. Não seria natural que ficasse por aí... A boa-paz, a felicidade anterior, eram agora obscurecidas por passageiras nuvens.

Quando Raul se dirigia para o atelier, Marcela, que dantes o incitava ao trabalho, sentia uma grande amargura:

— Já não gostas de mim — dizia-lhe com súbitos arremessos — parece que me foges... que te aborreces ao meu lado...

— Maluca! — insurgia-se ele. — Amo-te... Eu amo-te como nunca te amei...

— Não te acredito. Mentiste-me já. Nada me assegura que fales verdade neste momento.

— Ah! Marcela... Marcela — exclamava Raul com ardor — hás-de-me acreditar!... Um dia, dar-te-ei uma prova concludente... Ainda não sei como, mas juro que te hás-de convencer!... Será a maior... a maior prova de amor!...

Ela, ciumenta como meridional de lei, espiava o seu marido. Não o encontrando em falta, o seu coração desanuviou-se. Com a confiança, voltou a felicidade, a alegria de outrora.

... ...

Raul trabalhava sempre. «Está curado, não há dúvida» — pensava eu comigo. Esqueci as suas estranhezas.

O seu carácter transformara-se, tornava-se, segundo tudo parecia indicar, lúcido e sensato. Como me enganava... Como me enganava...

IX

Passaram-se alguns meses. De súbito, o meu amigo abandonou de novo a sua arte. Percebi que fora para se entregar exclusivamente ao mármore divino do corpo de Marcela.

Fugira de Lisboa, a refugiar-se numa linda vivenda que possuía perto de Colares. Um dia escreveu-me: «Que fosse jantar com ele», pedia. Fui. Cheio de assombro, encontrei o Raul sorumbático e misterioso doutros tempos. Pelo contrário, sua mulher exuberava de ventura.

Jantámos. Resolveu-se que eu não regressasse à capital senão no domingo próximo. Depois da refeição, Raul quis sair comigo. Marcela ficou em casa.

Era noite; uma noite tépida, estrelada; no entanto, escura, à falta de luar.

O meu amigo levou-me para a estrada da Praia das Maçãs. O silêncio era absoluto. Só num momento veio perturbar a solidão o último eléctrico da carreira «Cintra ao Oceano». O escultor, que até aí me falara por monossílabos, apertando-me o braço com força, exclamou bruscamente:

— Ah! não calculas como sou desgraçado... não podes calcular...

— Desgraçado, porquê? — indaguei.

— Por muitos motivos.

— Enumera-os.

Não respondeu logo. Foi só passados alguns minutos que começou, como se continuasse — falando — o curso dos seus pensamentos mudos:

— É horrível... Marcela não me acreditava... Eu menti-lhe uma vez... podia-lhe mentir muitas... Agora diz que me acreditava... Mas duvido... Porque há-de ela acreditar? Eu não lhe dei provas... **Ainda lhe não dei a prova**...

— Com os diabos! — atalhei. — Que significa todo esse aranzel? De que é que tu duvidas? Em que é que a tua mulher não acredita?...

— No meu amor.

— Hein!? — bradei espantado.

Ele então contou-me pormenorizadamente as suas relações com Luísa Vaz e os ciúmes de Marcela.

— Tonteiras! — sosseguei-o. — Ela ama-te; já esqueceu tudo isso. Não vês como a felicidade brilha radiante no seu olhar, em todo o seu rosto? Como ri, descuidosa, nas suas cristalinas gargalhadas?...

— É justamente essa alegria que mais me martiriza. Não sei se será uma simulação. Ela ama-me, embora desconfie de mim. Talvez se finja alegre para dissipar a minha tristeza.

— Parvinho! — brami — Marcela nem sequer nota o teu ar de tirano romântico. Enebriada com a ventura de te sentir novamente todo seu, não pensa senão nos teus beijos...

— É possível... Mas não sei... não sei... É outra suspeita mais amarga... muito mais amarga me perturba o espírito, me dilacera... Ela disse-me muita vez: «No dia em que tu me enganares, também eu te enganarei: É a pena de Talião, meu rico...» Ela sabe que a enganei... que tive uma amante... Vingar-se-ia? Ah! vingou-se decerto... todas as mulheres são vingativas... A sua alegria é da vingança. Fugi, vim-me isolar para aqui, por isso mesmo...

— Com que então, armas ainda por cima em ciumento? — clamei. — Fazes o mal e a caramunha... Ora... Ora...

— Ciumento? Sim... Tenho tido ciúmes... de ti, sobretudo. És o meu melhor amigo... e **isso** acontece sempre com os melhores amigos...

Tapei-lhe a boca indignado:

— Repara no que dizes, hein?!

— Perdoa-me... perdoa-me... — implorou. — Sou tão infeliz... tão infeliz... Ela é tão bonita... tão bonita... Todos

a desejam... Todos a despem com os olhos... Todos ambicionam os seus beijos... o seu corpo... o seu corpo...

— Mas cala-te maluco! — ordenei — Marcela é uma mulher honestíssima. Não a calunies... Ela ama-te muito. Essa é a melhor garantia...

— E eu?... eu não a amo?... Ah! ninguém sabe como a amo... Contudo.

Compreendendo o seu pensamento, interrompi-o:

— Um caso fortuito... uma embriaguez momentânea perfeitamente explicável e natural...

— Ela é tão bonita... tão bonita — balbuciava sem me ouvir.

— Ó homem, fizes-te Otelo à última hora? — continuei. — Tu, demais a mais, se bem me recordo, consideravas dantes o ciúme como a maior estupidez humana...

— Nesse tempo não amava; hoje amo.

A razão era poderosa. Mudei de rumo:

— Meu pobre amigo, a loucura tornou-se a apossar de ti. Tudo quanto me tens dito hoje, são loucuras. Marcela ama-te, perdoou-te. Ama-a pois também e sejam felizes... tenham muitos meninos...

— Se eu pudesse — murmurou num tom vago — se eu lhe pudesse provar o meu amor... Mas não encontro nada... não encontro nada... **Prometi-lhe a maior prova de amor**... não cumpri a minha promessa. É terrível... querer demonstrar a Verdade e não poder... não poder...

— Olha, meu caro, a melhor prova que podes dar é deixares-te de maluquices. Possues todos os elementos para seres venturoso. Aproveita-os. O que tens estado para aí a dizer não passa de doidices, repito-te.

Acendeu um charuto e, com uma voz profundamente melancólica, velada, disse mais:

— Eu não sofro só por isso, não... Ontem arranquei um cabelo branco. É a velhice... o «fim» que se anuncia... Viver

para morrer... Ah! como é horroroso... como é horroroso... O Tempo caminha com uma velocidade tão grande que, num segundo, avança um segundo; num minuto, outro minuto; numa hora, outra hora. É abominável!... Vai-nos destruindo a cada instante... ininterruptamente... inexoravelmente...

— «O tempo... o tempo... o cancro enorme» — recitei com ironia, lembrando-me do verso do poeta.

— Sou um desgraçado... Um grande desgraçado, acredita...

— Não te lastimo. Invejo-te.

Calámo-nos. «O meu amigo — pensei durante o silêncio — atravessava outra crise. Alegrara-me antes do tempo com a sua cura. O médico era indispensável.»

Todavia, dali a pouco, Raul conversava despreocupado. Interrogava-me sobre os meus projectos, informava-se do meu novo romance. Amigável e sensatamente cavaquámos perto de uma hora.

Voltámos para casa; tomou-se o «chá e torradas» burguês.

Fui-me deitar; adormeci. Sem um sonho, acordei com os gorgeios dum pintassilgo numa esplêndida manhã de sol.

O meu amigo, mal me viu, participou apertando-me febrilmente a mão:

— Achei!

— O quê? — perguntei admirado.

— O meio de lhe provar o meu amor... de fazer parar o tempo... de ser muito feliz... muito feliz... para sempre...

— E qual é esse **meio?** — acrescentei.

— Não te posso dizer.

— Não digas... Deixa-me rir... deixa-me rir...

— Ri-te — volveu — Ah! Tu não me compreendes... não compreendes nada... Verás... Talvez te não rias... Eu rir-me-ei... serei feliz... feliz... Que importa o mais?...

Ouvindo estas palavras incompreensíveis, perturbadoras, estremeci. «Que novas loucuras ideará?» — perguntei a mim próprio, inquieto.

Mas, exuberante de mocidade, jubilosa e risonha, Marcela veio anunciar o almoço:

— A cozinheira, hoje, fui eu — declarou.

— Comida de deuses vamos a ela — galanteei.

A refeição foi alegre, Raul — provavelmente satisfeito com a sua **descoberta** — perdera a melancolia: falou e gargalhou connosco.

«Tontice efémera» — imaginei: e, três dias mais tarde, quando me despedi dele na estação de Sintra, esquecera já todos os seus devaneios.

X

Em novembro, regressaram a Lisboa. A tristeza do meu amigo dissipara-se. A febre do trabalho tinha abrandado. Tudo caminhava para o perfeito equilíbrio.

Marcela, alegre e descuidada, já sem a recordação da passageira amante, radiava amorosa e feliz. Enfim, tudo parecia estar bem...

... ...

Tudo estava mal.

Quando uma ideia fixa se apodera de um cérebro doente, só a custo perderá a sua fixidez. Era nisso que eu devia ter pensado.

Se Raul se mostrava esquecido das suas manias, despreocupado e jovial, era precisamente porque, mais do que nunca, se deixara apossar por elas. Provam-no as suas notas diárias que nesta época abundam: bizarras, nebulosas, inde-

cifráveis na maioria. Uma página extracto para aqui, textualmente:

Lisboa — dez. 30-905 — 24. madrugada. Durmo, julga ela... Não durmo. Escrevo. Não posso dormir. Ela dorme. É feliz? Sei lá...

A Vida... Ao inventá-la, a Natureza — Deus, o Criador, se preferem — lutou com a maior das dificuldades. Não a resolveu. Oh! não... não...

... ...

Como se forma o indivíduo? Com o prazer... Fabricar vida é uma necessidade... deliciosa, viciosa portanto. A Natureza compreendeu que ninguém faria vida se não fosse por interesse... para gozar... E faz-se a vida só por isso... por isso só...

... ...

Era difícil, complicada a empresa; tão complicada que Deus não a pôde simplificar... Não pôde... nem soube. O filho, quando nasce, martiriza, tortura a mãe... mata-a muitas vezes... e não ri ao chegar ao mundo... Não ri... chora... grita...

... ...

Eu vivo. Nunca fiz vida. Fui mais sensato, gozei apenas...

... ...

Procriar é uma malvadez: é fazer desgraçados. É um crime matar, preceituam as leis. Crime muito maior é formar assassinos.

... ...

O filho devia amaldiçoar os pais. Foram eles que o condenaram à existência... ao suplício eterno...

... ...

Só há uma coisa pior do que a vida: é a morte.

... ...

Se a humanidade fosse inteligente, se porfiasse, acabaria com os homens. Ventura suprema! Suprema superioridade! Demonstraria que tinha mais força do que o Criador: destruiria a sua obra infame.

Mas ninguém quer domar os sentidos; com os sentidos, ninguém quer ser hipócrita...

... ...

A morte era a recompensa da vida. Os homens que estragam tudo, estragaram também essa recompensa: inventaram a alma, o inferno e o céu.

... ...

Só se compreende o compreensível. O Universo é incompreensível para os homens. Por isso estes o admiram, pasmam alvarmente diante dessa chocha «maravilha»...

... ...

A vida faz doer. E a morte?

... ...

O amor, hei-de prová-lo. É sublime, não admite dúvidas. Elevar-me-ei acima de todos. Um génio? Um doido... um criminoso!!! Ah!... Ah!...

... ...

Daqui a pouco tempo. A maior prova de amor... a maior prova de amor...

... ...

Se eu não fosse um homem... ai! Se eu não fosse um homem...

Estas linhas trasladei-as, só para exemplificação. O sentido é obscuro; a disposição incoerente, desordenada; tudo cheio de rasuras e de borrões. As referências à «maior prova de amor» abundam nas outras páginas, em frases cada vez mais embrulhadas.

*
* *

Desde este momento, os acontecimentos precipitam-se. Uma manhã, depois do almoço, Raul, que durante a refeição se conservava jovial e galhofeiro, duma exuberância nele pouco vulgar, voltou-se para sua mulher e disse-lhe de chofre:

— Amanhã é o dia. Amanhã vais finalmente ficar convencida... acreditares-me...

— Acreditar-te? Acreditar em quê?...

— No meu amor.

— Duvido dele por acaso louquinho? — Beijou-lhe a mão numa carícia muito sua.

— Prometi-te provas. Ainda não cumpri a minha promessa. Fá-lo-ei amanhã.

— Assustas-me... Lá voltas às tuas esquisitices.

— Não há motivos para sustos, juro-te. Vamos ser muito... muito felizes... Nem tu imaginas...

Os olhos relampejaram-lhe. Os seus lábios sorveram um beijo brutal na boca de Marcela.

Esta cena, relato-a segundo as páginas do diário. Com efeito, nesse dia o escultor encheu com os seus pensamentos, com a exposição dos seus planos, quase dois cadernos de almaço.

*
* *

Na noite do suicídio, Raul que passara toda a tarde fechado no atelier, mostrou-se muito alegre. Eu jantei com ele.

Sem aludir à conversa da véspera, disse entretanto para Marcela:

— Hoje havemos de nos deitar muito tarde... muito tarde... Sim, queridinha?

— Às horas que tu quiseres... — sorriu intencionalmente.

Eu sorri também. Adivinhara uma noite de amor; por isso, despedi-me cedo, discretamente.

À uma hora, deitados os criados, Raul encaminhou-se com Marcela para o atelier. Antes de entrar, perguntou:

— Sabes o que vamos fazer?

Se ela o sabia... Ali dentro tinham-se passado os mais deliciosos instantes da sua vida... Ali dentro, cada móvel, cada objecto, recordava-lhe um beijo, uma carícia, um amplexo... Se não sabia o que iam fazer... se não sabia...

Raul abriu a porta. Marcela soltou uma exclamação. A sala estava profusamente iluminada; flores por toda a parte, os pesados reposteiros de veludo dourado, corridos.

Obrigou-a a entrar. Fechou a porta sobre si; impeliu-a para cima dum sofá e, ajoelhando aos seus pés, exclamou:

— É chegado o momento. Vais acreditar... Vou-te convencer da grandeza sobrehumana do meu amor!... Escuta-me: não se ama uma velha... uma criatura enferma... uma criatura disforme... O amor que devia ser um sentimento todo da alma, é um sentimento só dos sentidos. Ama-se porque é bom amar... esvairmo-nos na derramação de um líquido peganhento... asqueroso... O amor é uma distracção... como o teatro... como as festas de igreja... Ama-se uma mulher porque ela é linda... por causa dos seus cabelos, dos seus olhos, da sua boca... de todo o seu corpo... Pode-se amar uma mulher feia pelos seus vícios estonteantes, perversos... Ah! mas ninguém ama um corpo sem fogo, um corpo de carne mole e repugnante; ninguém beija um rosto sem nariz... uns olhos cegos, uns lábios contraídos na crispação de uma ferida mal cicatrizada... Pois bem! Fosses tu cega, fosse o teu corpo todo uma chaga e eu amar-te-ia com o mesmo amor... com maior amor!... Sim! Marcela, eu amo-te acima de tudo!... Ah! eu gosto dos teus beijos... da tua carne... gosto de enlaçar as minhas pernas nas tuas... Mas isso que vale?! O que amo, é a tua alma e essa, seja feio o corpo, será sempre bela... amá-la-ei sempre... sempre... sempre!... Não me acreditas... não crês o meu amor tão forte... Vou-te provar que não minto... **Vou-te dar a maior prova de amor**... Beija-me... dá-me a tua boca... preciso de coragem... de muita coragem... Ouve-me, compreende-me, e não tenhas medo: Vou despedaçar a obra-prima do teu rosto... torná-lo uma cicatriz hedionda, onde não se conheçam as feições... sem olhos... sem lábios... Vou queimar os teus seios... sujar para sempre a brancura imaculada da tua carne... E assim, um monstro repelente, continuarei a amar-te, amar-te-ei muito mais, porque todo o tempo será para ver a tua alma... a tua querida almazinha...

Não tenhas medo... não grites... não grites... Vais ser muito feliz... Vamos ser muito felizes... De hoje em diante, nenhuma nuvem obscurecerá o céu azul da nossa vida... Já não recearei o tempo... o Tempo não envelhece um corpo chegado... a morte não o desfeia... Que os anos passem... que venha a morte... Nada nos importará... nada... Vês... vês como vamos ser venturosos?...

E, numa alucinação, num delírio de loucura, correu a uma prateleira... pegou num frasco...

Marcela, terrorizada, ainda sem perceber, tentava fugir, encontrar uma saída, chorava e gritava...

Raul, pondo-se em frente da porta, bradou:

— Não fujas... não chores... Isto é vitríolo... vou-to lançar ao rosto... espalhá-lo pelo teu corpo... **Vou-te matar o corpo para dar mais vida à alma**... vou-te dar a eternidade... fazer parar o tempo... Espera... não grites... não tenhas medo... nem faz doer... nem faz doer... E mesmo que fizesse... É para seres feliz... muito feliz...

A desventurada fugia diante dele num grande desvairamento. Raul, por fim, agarrou-a. Preparava-se para lhe atirar o líquido, exclamando enraivecido:

— Miserável! És como as outras... Gostas de ser bonita... Gostas de excitar os homens... Devassa... Devassa!... vou escangalhar toda a tua beleza... vais ficar horrorosa... Todos fugirão de ti... ninguém te quererá... mas eu quero-te... quero-te... Meu amor... Meu amor!...

Marcela, num arranco supremo, cravou os dentes na mão que empunhava o frasco. A dor foi tão forte que Raul o largou. Caiu no sobrado, porém não se quebrou nem se desrolhou.

Marcela pôde então ganhar a saída, fugir.

O escultor, como que pregado ao solo, não passou a porta. Com os olhos desmesuradamente abertos e os cabelos em pé, olhava como um sonâmbulo para o corredor por onde Mar-

cela tinha desaparecido... ouvia os seus gritos alucinantes..

Com todo este ruído, os criados desceram de tropel. Sentindo os passos, Raul saíu da sua abstracção; ululou um uivo despedaçador... apanhou o frasco... emborcou-o... bebeu dum trago todo o seu conteúdo.

Quando os criados entraram no atelier, viram-no contorcido no estertor de uma agonia horrível, convulcionado nas dores cruciantes do seu peito, dos seus intestinos queimados, arrepanhados pelo líquido corrosivo...

... ...

Marcela esteve à morte com uma febre cerebral, receou-se pela sua razão. Hoje é feliz. Refez a sua vida; tornou a casar, é mãe de dois lindos gémeos. Vive em Roma. O seu marido é o primeiro secretário da nossa legação.

Ela foi sempre uma criança. As crianças esquecem tudo... depressa...

... ...

Cheguei ao fim. Não consegui explicar o inexplicável, tenho a certeza. Por isso mesmo me abstenho de tirar conclusões. Quem ler o escrito que as tire, se quiser. Peço unicamente que antes de exclamarem: — «Raul Vilar foi um doido... que conclusões tirar da loucura?...» — meditem um pouco em tudo quanto leram.

Por mim, digo apenas:

Raul horrorizava-se com o Tempo. Era uma das suas obsessões mais características. Ah! na realidade, como é desolador pensar-se: **«Hoje é o dia 26 de Junho de** 1910 — **nunca viverei outro dia igual a este, nunca mais farei o mesmo que fiz hoje... Um segundo não se repete em cem mil anos!...»**

Raul queria provar o seu amor. Para isso decidiu praticar um crime. Todos o condenam, decerto. No entanto, o que ninguém pode negar é que a sua **prova**, embora dum egoísmo atroz, não fosse a mais concludente, a **maior prova de amor**, como lhe chamava. «Só se ama por interesse. Não se ama um corpo disforme». Ele possuía uma criatura ideal; pois bem, destruiria toda a sua beleza. O seu amor não diminuiria... pelo contrário: Morto o corpo, amaria a alma só com a sua alma.

Isto tudo são loucuras, sei perfeitamente. Apenas no cérebro dum doido podem nascer tais pensamentos. Nós, os «homens de juízo», não pensamos nessas coisas, não pensamos em muitas coisas porque aceitámos a vida tal como ela é, tal como se convencionou que ela fosse; porque nos habituámos a ela. Raul não se habituou. Foi um desgraçado.

«É bem digno de compaixão esse pobre suicida» — concordam todos. Mesmo se tivesse sido um criminoso, eu diria:

— Peço não guardem da sua memória uma náusea, não clamem, desviando os olhos das suas estátuas — «Assassino!» — Lembrem-se: foi um louco. Tenham piedade... muita piedade desse desventurado. — «Era um doido» — proclamaram unanimemente.

Os doidos são irresponsáveis, diz o Código...

... ...

A loucura... A loucura...

Lisboa, maio-junho 1910

... ...

Loucura? — Mas afinal o que vem a ser a loucura?... Um enigma... Por isso mesmo é que às pessoas enigmáticas, incompreensíveis, se dá o nome de **loucos**...

Que a loucura, no fundo, é como tantas outras, uma questão de maioria. A vida é uma convenção: **isto** é vermelho, **aquilo** é branco, unicamente porque se determinou chamar à cor **disto** vermelho e à cor **daquilo** branco. A maior parte dos homens adoptou um sistema determinado de convenções: É a **gente de juízo**... Pelo contrário, um número reduzido de indivíduos vê os objectos com outros olhos, chama-lhes outros nomes, pensa de maneira diferente, encara a vida de modo diverso. Como estão em minoria... são doidos...

....

Se um dia porém a sorte favorecesse os loucos, se o seu número fosse o superior e o género da sua loucura idêntico, eles é que passariam a ser os ajuizados: **Na terra dos cegos, quem tem um olho é rei**, diz o adágio: na terra dos doidos, quem tem juízo, é doido, concluo eu.

Mário de Sá-Carneiro

col. fantástico